

“NOMADANCIDADE”: EXPERIMENTAÇÕES EM VIDEODANÇA PELA CIDADE DE VIÇOSA-MG*

Gabriela Gasparotto Fernandes (Universidade Federal de Viçosa)
Siane Paula de Araújo (Universidade Federal de Viçosa)

RESUMO: Este trabalho busca refletir sobre as relações entre o corpo e a cidade através de algumas experimentações práticas em videodança realizadas na cidade de Viçosa-MG, identificadas como “Estação Dança”. Ao todo foram realizadas três “Estações Dança”, respectivamente a Escadaria, a Balaustrada e a Rodoviária da cidade, as quais obtiveram como principal instrumental de análise a Teoria Corpomídia, idealizado pelas professoras Helena Katz e Christine Greiner da PUC-SP, e seus desdobramentos no que se confere às linguagens híbridas e relações sócio-culturais entre corpo, ambiente e tecnologia. Conclui-se que a experimentação em videodança torna-se tanto uma possibilidade artística capaz de potencializar as relações “corpo-cidade”, compondo em totalidade estético-política uma “nomadancidade”, quanto à interação entre enunciador e enunciatário e, assim, construindo novos sentidos e poéticas. Sempre em processo!

PALAVRAS-CHAVE: videodança, dança, corpomídia, Viçosa.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca refletir sobre o diálogo entre duas linguagens artísticas: a dança e o vídeo através de uma experimentação prática do corpo no ambiente – físico-químico – e sua interferência recíproca. Isso se deu por meio de intervenções do corpo dançante nos espaços públicos da cidade de Viçosa buscando uma composição artística em vídeo. Estes registros gerados que chamaremos de “experimentações em videodança”.

Para a experimentação foram escolhidas três localidades da cidade: a escadaria do bairro de Lourdes, o seguimento de balaústres na Avenida Bueno Brandão ao Centro e a Rodoviária. Dessa forma, o trabalho se configura no que chamaremos de “Estações Dança”, cada uma das estações diz respeito a uma experimentação prática em videodança realizada em uma localidade da cidade de Viçosa¹. Vale ressaltar que cada uma delas possui características diferenciadas e se relacionam através de uma linearidade temporal, pois foram concebidas em diferentes horários de um dia de domingo – do início da manhã ao entardecer - tecendo, em sequência, o desenvolvimento deste trabalho.

As “Estações Dança”, ou experimentações de cada localidade, serão analisadas de acordo com suas respectivas ordem de acontecimento cronológico, como também por suas construções poéticas e sócio-culturais, buscando refletir sobre os canais de comunicação criados entre corpo, ambiente e a tecnologia. Assim, opta-se como principal instrumental teórico para a leitura de cada experimentação a Teoria Corpomídia, das professoras Helena Katz e Christine Greiner da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e seus desdobramentos no que se confere às linguagens híbridas e relações sócio-culturais em trânsito.

* X EVIDOSOL e VII CILTEC-Online - junho/2013 - <http://evidosol.textolivre.org>

1 A Cidade de Viçosa está localizada na região da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais (MG).

1. ESTAÇÃO DANÇA I: A ESCADARIA OU ÊNFASE DO CORPO NO AMBIENTE

Na perspectiva de Campos (2010), é possível identificar os vínculos entre a linguagem corporal e a das cidades identificadas por características como mobilidade e espaço, transitoriedade do tempo e a permanência da arquitetura, considerando o espaço da cidade como diverso e carregado de sentidos que se constroem ao longo do cotidiano das pessoas.

Aqui, a utilização do termo *cidade* carrega o sentido de multiplicidade e diversidade. Não somente porque nenhuma cidade é igual à outra, mas também porque todas elas são múltiplas. Uma cidade sempre esconde outra cidade: uma cidade durante o dia não é a mesma durante a noite, aquela da segunda-feira não é aquela do domingo. Todas as cidades carregam milhares de vestimentas, e estão em permanente transformação. (CAMPOS, 2010, p. 37, grifos do autor)

Além de compreendermos a cidade de maneira holística, é necessária a visão abrangente sobre o corpo: “Que não se atenha às três dimensões da perspectiva, mas que incorpore as alterações deste, para entendermos a sua alocação e sua dimensão pessoal no cenário urbano” (CAMPOS, 2010, p. 38).

A autora afirma ainda organizar o corpo em instâncias que relacionam o contato do corpo com o ambiente se dá em primeira instância com a pele. Esta pode ser considerada a fronteira de contato entre o corpo e o espaço, seguida de sua extensão que se faz realizada pela roupa vestida. Constituindo, por fim, a nossa dimensão do espaço pessoal composta pelo nosso entendimento das configurações dos signos, surgindo dessa extensão configurações como o arranjo dos espaços, o desenho das paisagens urbanas e a organização ambiental da cidade. Todas essas dimensões podem ser analisadas como categorias que, contempladas, instituem uma visão na qual podemos identificar a relação do corpo com a cidade.

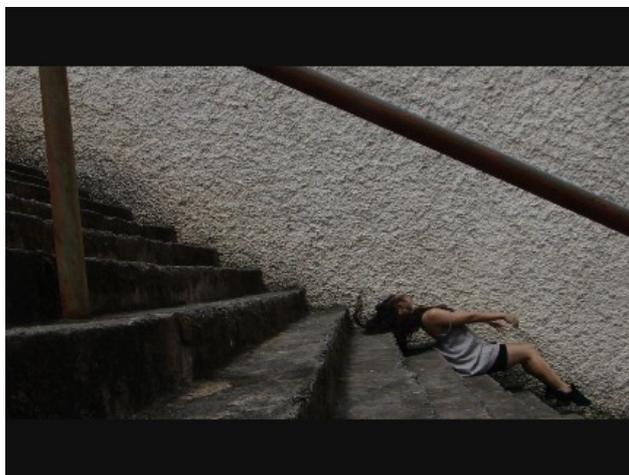


Fig. 01: Experimentações na "Escadaria".

Partindo do problema inicial de quais seriam as influências da construção da dança/corpo em determinado ambiente, interagiu-se com o espaço urbano: escadas, paredes, cadeiras, corrimãos, transeuntes, carros, calçadas, grades, ruídos e significados. Nesse contexto, os laboratórios visaram estudar a interação e influencia do ambiente no corpo e do corpo no ambiente. A partir de algumas localidades escolhidas, foi levantado um breve estudo sobre elas levando em consideração sua história, sua arquitetura, seu valor social e quais seus significados para a sociedade. Após esse primeiro estudo, foi organizado uma equipe de suporte às filmagens das cenas que também

dialogavam com todo o “contexto”, não apenas capturando a intervenção, mas contribuindo para a relação entre o corpo e o ambiente.

A interação entre o corpo e a cidade se deu através da dança, mas também levando em consideração a arquitetura, cultura, história e construção dos sentidos do material produzido em videodança. Nesse processo, a leitura dos vídeos sob a lente semiótica e “corpomidiática” se fez necessária em vista às poéticas das movimentações realizadas em cada cena, dos sons, dos ritmos, da aparência de cada lugar, no como cada qual influenciou nas movimentações e também no como cada movimentação conseguiu “ressignificar” ou transformar o ambiente. No entanto, travada a discussão entre as conexões vivenciadas do corpo no espaço urbano e suas configurações hoje alocadas, como transformar o corpo dançante e o espaço da cidade, considerando sua temporalidade, ou atemporalidade virtual, e o cotidiano dele que é vivido pelas pessoas, em um “outro corpo”?

A partir de então, observamos que os sentidos construídos no vídeo extrapolam apenas o que tange ao espaço físico com o qual interage, mas ele aborda e se conecta à toda uma política quimérico-corporal. Nessa primeira experimentação em videodança, mas especificamente, as relações estabelecidas entre o corpo dançante, o ambiente e os ângulos de filmagem conseguiram potencializar toda a estrutura e estética do lugar através dos contrastes entre o corpo “vivo” da bailarina e o “morto” das qualidades do espaço, transformando-o em um “outro corpo”.

Dessa forma, o ambiente caracterizado como pouco atrativo, simplório e de arquiteturas de formatos estanques, foi “transformado” na cena da videodança já não eram mais estáticos, mas compunham uma poética em movimento. Nesse sentido, Setenta e Bittencourt (2006) afirmam que o corpo dançante tem um enfoque político sendo que ele age no mundo a partir de todas as informações recebidas como uma maneira de estar no mundo, fugindo assim da forma “computadorizada” que se refere ao corpo somente como um processador das informações.

Em mesma perspectiva, está a Teoria Corpomídia de Katz e Greiner (2001) em que as relações entre corpo e ambiente se dão a partir de processos co-evolutivos, nunca estáticos, ou seja, assume um dinamismo de constante transformação e rompendo o “entendimento de que o corpo não é um recipiente, mas sim aquilo que se apronta nesse processo co-evolutivo de trocas com o ambiente”. (KATZ e GREINER, 2005, p. 07). Nesse sentido, há um destaque na permeabilidade do próprio corpo produzindo uma relação constante de coautoria entre corpo e ambiente em que ambos se acordam permanentemente. Vale ressaltar ainda que a ‘mídia’ do conceito de corpomídia diz respeito ao seu ‘modo de estar no mundo’, ou melhor, nesse processo o corpo é mídia de si mesmo, transformando a informação que contamina em corpo. Nas palavras das autoras:

A pergunta é: o que faz parte do domínio básico de uma experiência? As experiências são fruto de nossos corpos (aparato motor e perceptual, capacidades mentais, fluxo emocional, etc.), de nossas interações com nosso ambiente através das ações de se mover, manipular objetos, comer, e de nossas interações com outras pessoas dentro da nossa cultura (em termos sociais, políticos, econômicos e religiosos) e fora dela. Nessa perspectiva, o ato de dançar, em termos gerais, é o de estabelecer relações testadas pelo corpo em uma situação, em termos de outra, produzindo, neste sentido, novas possibilidades de movimento e conceituação. (KATZ e GREINER, 2001, ps. 08-09).

2. ESTAÇÃO DANÇA II: BALAUSTRADA OU CORPOS HÍBRIDOS

A Balaustrada é um patrimônio importante no resgate da história da cidade e um local que influencia o espaço urbano tanto quanto influencia a vida, o imaginário e o corpo das pessoas que na cidade moram, ou por ali passam. Nesse sentido, a relação entre tudo o que compõe o ambiente, advém de conexões de similaridade e dessa maneira há expansão da relação entre a dança e a arquitetura, para além de simples interlocuções entre as partes, mas pelo poder de associar e

promover a expansão de um campo no outro, resultando, assim, na possível formação transitória de um único campo: ou o corpo híbrido. Isso foi percebido, por exemplo, na relação entre as cores do espaço e do figurino da bailarina, bem como do ritmo dos movimentos em detrimento do ritmo da cidade.

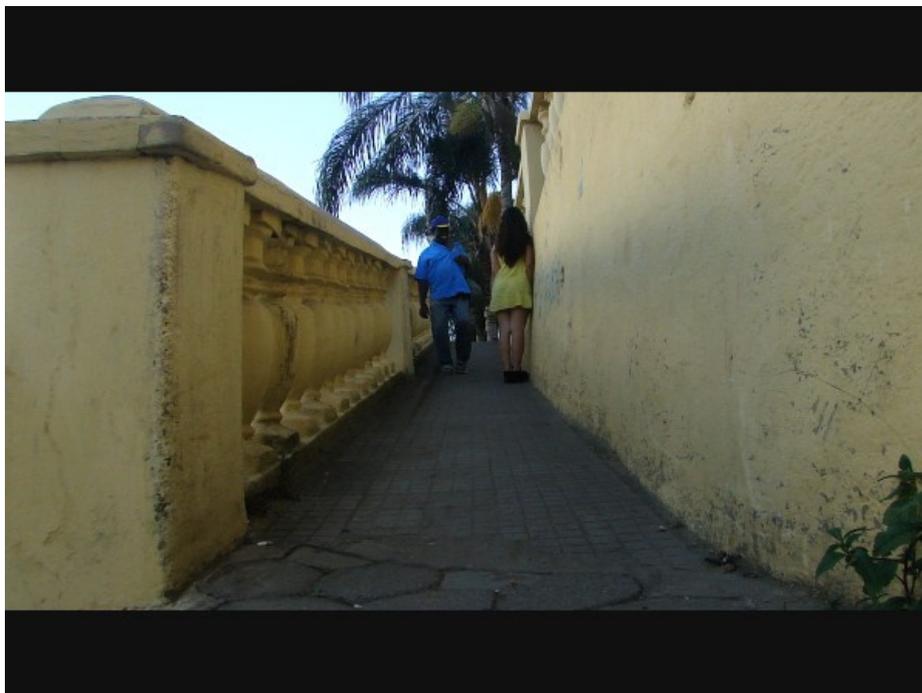


Fig 02: Experimentação na Balaustrada.

De acordo com Roncari (2012) o termo híbrido tem sido vastamente empregado, nas diferentes áreas de conhecimento e consiste em designar diversas linguagens que se combinam, que se compõe, criando através desses relacionamentos novas linguagens. Quando traçamos este conceito ao “corpo”, a partir das interações averiguadas neste trabalho, as linguagens se multiplicam em distintas culturas, sistemas, códigos e formatos. Nessa pluralidade, percebe-se, através da comunicação do corpo com o ambiente, que os espaços da cidade tecidos pela dança em vídeo se configuram em um “corpo”, ou melhor, em um “corpomídia”. Nesse sentido, Roncari (2012) afirma:

A expressão corpo híbrido também poderia ser usado para designar corpos com próteses biotecnológicas, como as do artista australiano Stelarc. Mas não é o caso. Pois o corpo contemporâneo já é híbrido, mesmo sem próteses, pois sendo o corpo e mente indissociáveis, o corpo também é cognição e, portanto, está impregnado pela tecnologia e pelas transformações que a tecnologia possibilita. (RONCARI, 2012, p. 02)

A partir das ideias de Roncari (2012) podemos perceber a íntima relação entre a dança e a tecnologia, em específico nas interferências desta sobre aquela, no entanto, destacamos também sua reciprocidade, uma vez que o corpo também possibilita avanços sobre a tecnologia, em uma via de mão dupla.

3. ESTAÇÃO DANÇA III: RODOVIÁRIA OU A ÊNFASE DO AMBIENTE SOBRE O CORPO

Na última ‘Estação’ observa-se que o dia já estava entardecendo. Essa questão contribui sobremaneira na iluminação da cena e consequentemente na poética dos movimentos realizados. Além disso, é importante ressaltar que o ambiente da Rodoviária extrapola informações. O comércio que acontece no local chamativo com luzes que piscam em sua entrada, as lojas são pequenas e cheias de artefatos. As lanchonetes são pequenas e com forte cheiro de gordura dos salgados fritos. Além disso, os sons do local são muito intensos: muita conversa, barulho dos motores dos ônibus, táxis e outros. Nesse sentido, o corpo torna-se “tímido” em meio às interferências sógnicas que ‘lotam’ o local que se torna o protagonista do texto da cena: o corpo é coadjuvante.

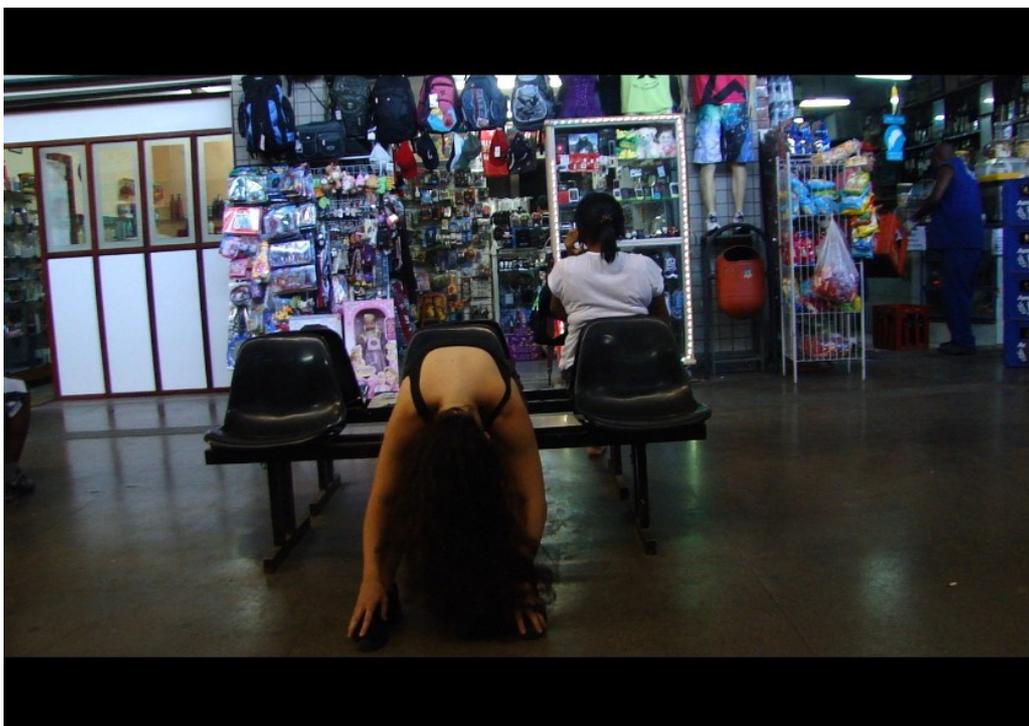


Fig 03: Experimentação na Rodoviária.

Nesse sentido, torna-se importante perceber “o como” que este corpo consegue se relacionar, e se transformar, no contato com o cotidiano da cidade. Nessa “nomadancidade”, engaja-se a própria construção espaço-temporal, que também se modifica ao se relacionar com “os outros corpos”. Assim como, nota-se que os relacionamentos nunca são vias únicas de entrada e saída de informações, mas sim, estruturas complexas, teias nas quais existem vários pontos de intersecções que podem levar a diversos caminhos que sempre se relacionarão entre si, ou seja, uns com os outros, aptos a formar diversos desenhos, vários textos e múltiplos sentidos no contexto da experimentação em videodança.

CONCLUSÃO

Além das informações prévias do ambiente, o corpo dançante também tem um repertório de movimentações, de memórias e produções de sentido por meio da tecnologia. Estas relações tecidas entre o enunciador e o enunciatário dadas na junção do corpo com o ambiente e a tecnologia, como uma linguagem híbrida, compõem possibilidades criativas potencializadoras, construindo, assim, novos sentidos, novas poéticas.

Dessa maneira, através dessa linguagem artística híbrida, há transformação dos elementos em cena, pela troca de informações entre eles que se dialogam, resultando, assim, em um “novo corpo” que, como apontado pelo conceito de “corpomídia”, se dá através do fluxo permanente de transformação que age em um processo de construção de diferenças. Assim, o que se denomina “corpo”, na verdade é sempre um estado temporário de transformações contínuas ou “textos em permanente escrita” que, quando agregados à dança, observa-se uma “nomadancidade”.

REFERÊNCIAS:

CAMPOS, C. B. S. **Corpos urbanos: cena 11 cia. de dança [ou] vinculações entre dança, corpo e cidade**. Campinas. Fevereiro 2010. 153 Páginas. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

KATZ, H. e GREINER, C.. **Corpo e processos de comunicação**. Revista Fronteiras- Estudos Midiáticos. Volume III. Número 2- Dez, 2001.

KATZ, H. e GREINER, C. **Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo**. 2005. Disponível em < [Http://Artesescenicas.Uclm.Es/Index.Php?Sec=Texto&Id=237&Phpsessid=Azhwlexmmzvpjcee](http://Artesescenicas.Uclm.Es/Index.Php?Sec=Texto&Id=237&Phpsessid=Azhwlexmmzvpjcee)> Acessado em: 15 de fevereiro de 2013.

ONUKEI, G. M. **(Corpo + Movimento) Dança= Corpomídia**. Razón Y Palabr.A Número 73 Agosto - Octubre 2010 [Www.Razonypalabra.Org.Mx](http://www.Razonypalabra.Org.Mx). Data de Acesso: 11 De Fev. De 2013.

RONCARI, B. **Um corpo qualquer: processo aberto e intersubjetividades**. Viii Ciclo De Investigações Ppgv- Udesc. Florianópolis. Junho De 2012. Disponível Em < [Http://Ppgav.Ceart.Udesc.Br/Ciclo7/04 - Um_Corpo_Qualquer-Processo_Aberto_E_Intersubjetividades.Pdf](http://Ppgav.Ceart.Udesc.Br/Ciclo7/04 - Um_Corpo_Qualquer-Processo_Aberto_E_Intersubjetividades.Pdf)>. Acessado em 15 de fevereiro de 2013.

SETENTA, J. e BITTENCOURT, A. **O corpomídia que dança: processos enunciativos de significação**. I Enecult. 2005. Disponível Em <[Www.Cult.Ufba.Br/Enecul2005/Adrianabittencourtejussarasetenta.Pdf](http://www.Cult.Ufba.Br/Enecul2005/Adrianabittencourtejussarasetenta.Pdf)> Acessado em: 15 de fevereiro de 2013.